

FEMINISTA, EU? Resenha

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Feminista, eu?* Literatura, Cinema Novo e MPB. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 224 p, 2022.

Ana Carolina Vila Ramos dos Santos¹

Heloísa Buarque de Hollanda, nascida em 1939 em uma família de importantes intelectuais brasileiros, tem uma longa, prolífica e exitosa trajetória de trabalhos acadêmicos no campo dos estudos literários, da crítica cultural e do feminismo e uma corajosa e pioneira atuação no movimento feminista brasileiro. Heloísa é uma “feminista histórica” como nomeia Margareth Rago (2013), uma geração de mulheres brasileiras que, nas décadas de 1970 e 1980, conformaram a segunda onda do feminismo no Brasil, frutificando no debate público temas cruciais do debate feminista desse período. Arrisco a dizer que foi essa geração que tornou o vocábulo feminista conhecido no Brasil.

Sua longa história no movimento feminista brasileiro, como ela própria explica no capítulo introdutório, “Bastidores”, a encoraja a escrever uma série de obras sobre pensamento e militância feminista dedicada à “quarta onda feminista” (abordada no livro *Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade*, 2018), quem ela chama de suas “netas políticas”, responsáveis por colocar o feminismo no debate público brasileiro a partir de 2013. O livro em análise fecha a coleção de livros, *Pensamento feminista*, que conta com mais quatro volumes (*Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*, 2019; *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*, 2019; *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*, 2020 e *Pensamento feminista hoje: sexualidades no Sul Global*, 2020) todos publicados pela editora Bazar do Tempo. O projeto do livro nasceu compartilhado com duas grandes amigas ou, como ela chama, as “dinossauras” do movimento feminista brasileiro, Branca Moreira Alves e Jaqueline Pitanguy, mas aos poucos elas perceberam que o projeto precisava ser desmembrado em duas obras devido

¹ Doutora em Sociologia pela UNICAMP (2013), Mestre em Sociologia pela UNICAMP (2008) e bacharel e licenciada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (2003). Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Teoria Sociológica, Pensamento social brasileiro, Feminismo e Relações Sociais de Gênero. Atualmente é Professora EBT do IFSP e desenvolve pesquisa sobre as relações entre feminismos e produções culturais.

à riqueza de temas e memórias: *Feminista, eu?* a cargo de Heloísa e *Feminismo no Brasil: memórias de quem fez acontecer* de Branca Alves e Jaqueline Pitanguy.

A dedicatória do livro aponta a tese que percorre o livro: “Para Rachel de Queiroz, que tinha verdadeiro pavor de ser reconhecida como feminista. Perdeu, Rachel!”. “Perdeu, Rachel” indica que, a despeito da recalcitrância da escritora diante da identidade feminista, suas ações e posturas contribuíram para, não apenas a maior presença da mulher no mundo público, mas também do feminismo como uma linguagem que disputava os sentidos da política e cultura brasileira. Heloísa, neste livro, apresenta uma tese que Margareth Rago (2004) cunhou de “feminização da cultura”, uma leitura propondo que a presença pública de feministas, no Brasil, encaminhou profundas mudanças culturais que ultrapassam os muros da academia e os espaços consagrados de militância política (partidos políticos e movimento sociais, especialmente) e invadiu jornais, revistas, conversas, novelas, literatura, cinema e música. Heloísa demonstra como o feminismo teve um impacto amplo na cultura brasileira nas décadas de 1960 a 1980, refletido na formação de uma leitura de mundo feminista, embora a identidade feminista não tenha sido reivindicada por aquelas que, mesmo de forma tácita, espalhavam por aí os valores e ideias feministas.

A proposta de Heloísa é não deixar desaparecer as histórias não escritas que ela e suas companheiras presenciaram entre os anos 1960 e 1980, histórias de resistência criativa tanto ao poder do Estado quanto aos valores machistas disseminados pela sociedade que mesmo movimentos políticos progressistas reproduziam de forma inadvertida. A análise de Heloísa tem como foco principal o período pós 1964, os “anos de chumbo”, que se constituíram na “era de ouro da cultura brasileira”, momento no qual um ativismo cultural se conformou no Brasil como resposta à ditadura. Em uma ambiência de forte repressão do Estado, uma onda de efervescência cultural da juventude ecoava sob a forma do rock, da pílula, da minissaia, do Cinema Novo (e mais tarde o Cinema Marginal), a MPB, os happenings nas artes plásticas, os espetáculos nos teatros Arena, Opinião e Oficina. É um livro escrito em primeira pessoa rico em informações e memórias que iluminam o lugar e a contribuição de muitas mulheres que, mesmo não assumindo a bandeira feminista, fizeram o feminismo circular. Não é o primeiro livro de Heloísa dedicada à crítica cultural nos anos 1970 e 80 (ver, por exemplo, HOLLANDA, 1981), mas, no livro em análise, além de demonstrar com riqueza de detalhes e personagens o impacto do trabalho de mulheres no campo da produção cultural, Heloísa

joga luz sobre mulheres que foram esquecidas no processo de consagração em um momento em que as artes eram consideradas a via principal de construção de resistência política ao regime militar. Heloisa se dedica a entender como o movimento feminista, especialmente em sua segunda onda, impactou o campo da produção cultural no Brasil nos anos do Cinema Novo, da MPB e das “artes da palavra”, o jornalismo e a produção literária que se desenrolaram entre os anos 1960 a 1980. Na literatura, no cinema novo e na MPB, muitas mulheres com uma leitura feminista do mundo produziram contribuições centrais para a conformação do que hoje tomamos como referências indiscutíveis no padrão de produção cultural no Brasil.

A tese que percorre o livro é a ambiguidade, presente na produção cultural de mulheres entre os anos 1960 e 1980, em relação ao ativismo feminista. Essa recalcitrância de artistas de vincularem sua imagem ao feminismo é, argumenta Heloísa, a norma ao longo do século XX. Tal hesitação é justificada quando Heloísa apresenta o modo como o feminismo era visto nessas décadas. Retomo apenas um exemplo do jornal *O Pasquim* que se notabilizou por uma ferrenha resistência à repressão da ditadura militar entre 1968 e 1973, mas não escapou da reprodução de valores machistas em suas páginas. Em 1969, foi publicada uma famosa entrevista de Leila Diniz em um tom elogioso a sua independência e liberdade. No entanto, o tratamento foi distinto para mulheres independentes e livres, mas que reivindicavam a identidade feminista. Em dezembro do mesmo ano de 1969, por exemplo, Millôr Fernandes refere-se da seguinte forma às feministas: “por serem emancipadas e se terem dado assombrosamente bem na emancipação, elas resolveram que não bastava só deitar com quem bem entender e resolveram também deitar filosofia” (p. 24). Heloísa demonstra não apenas com exemplos retirados do jornalismo, mas também no campo da música, do cinema e da literatura que as mulheres que se dissessem feministas seriam consideradas “masculinizadas, mal-amadas, perigosas, feias e indesejáveis” (p.25). Esse era a regra do ambiente político da esquerda progressista nas artes de resistência ao regime militar.

Outro fator impeditivo da mobilização da identidade feminista era a dificuldade de inserção no mercado de trabalho na área cultural. É importante lembrar que o feminismo, nos anos 1960-70, era considerado ativismo radical tratado com enorme desconfiança nas fileiras da esquerda. Paradoxalmente, a inserção e reconhecimento das mulheres como cineastas, dramaturgas, compositoras, artistas e escritoras só se concretizou a partir dos anos 1960 com todo o empuxo dos movimentos sociais,

especialmente do feminismo, que colocaram, por meio de muito embate, as mulheres no centro do debate político e da produção cultural. Heloísa demonstra que, apesar das resistências, é inegável o impacto do feminismo na cultura produzida por mulheres a partir de meados da década de 1960. Heloísa pensa em termos de “brechas” criadas por mulheres-artistas em vários campos de produção artística no Brasil convergindo com Balieiro (2014) e Corrêa (2016) quando estes pensam em resistências, brechas e ruídos por meio dos quais mulheres, no campo das artes, conseguem circular valores, posturas e visões de mundo não apenas femininos, mas feministas que tensionavam o contexto no qual estavam inseridas.

No campo das “artes da palavra”, o primeiro destaque dado por Heloísa é ao jornalismo que ela reconhece como um espaço importante de veiculação de valores feministas. Nesse campo, Heloísa destaca algumas referências declaradamente feministas do jornalismo brasileiro como Carmen Silva e sua coluna “A arte de ser mulher”, publicada na revista *Claudia*, e Marina Colasanti e sua coluna “A nova mulher” e outras duas seções (“De olho no preconceito” e “Qual é o seu problema?”) na revista *Nova*. Edna Savaget, embora não fosse declaradamente feminista, criou o primeiro programa feminino da TV Globo chamado “Sempre Mulher” em 1965, que teve um impacto importante abrindo caminhos para a emancipação da mulher em um meio de comunicação de massa que transformou “assuntos femininos” em pauta de debate público e político.

Heloísa argumenta que falar de mulheres na literatura é tarefa imensa e recupera obras de escritoras do final do século XIX para demonstrar a riqueza da contribuição de mulheres para a literatura brasileira. A literatura era o “carro-chefe” da produção cultural entre os anos 1930 e 1950, mas nos anos de chumbo, a literatura não conseguiu mobilizar a juventude e, especialmente, os anos compreendidos entre 1964 e 1968 marcaram um período de grandes contribuições do campo das artes produzidas em locais públicos como cinemas, teatros, exposições, happenings, shows e festivais que mobilizavam público como forma de resistência ao regime. Lembro que grande parte da contribuição acadêmica de Heloísa Buarque de Hollanda é na área dos estudos literários, área de sua formação na graduação e pós-graduação (Letras Clássicas pela PUC-Rio, com mestrado e doutorado em Literatura Brasileira na UFRJ) o que dá às análises do campo literário amplitude e profundidade que por si só valem a leitura do livro. A partir do capítulo 02 intitulado “Palavra de Mulher”, o termo “brecha” aparece com frequência para indicar espaços produzidos, com muito esforço e resistência, pelas mulheres no campo da

produção cultural marcadamente machista. Ana Maria Machado, Helena Parente Cunha e Lia Luft são escritoras que começaram a abrir espaço para mulheres, nos anos 1960, escrevendo crônicas em jornais e revistas de grande circulação. Além delas, há uma miríade de mulheres que, mesmo não declaradamente feministas, colocaram o feminino e a mulher não apenas como tema, mas como protagonista no mundo público nos anos 1960, 70 e 80. No período em análise no livro, Heloísa destaca algumas escritoras: Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Nélide Piñon, Carolina Maria de Jesus, Anajá Caetano, Sonia Coutinho, Márcia Denser, Marilene Felinto e Aline França. Poetizas também levaram a frente o debate feminista: Cecília Meirelles, Henriqueta Lisboa, Gilka Machado, Adalgisa Nery, Cora Coralina, Hilda Hilst, Orides Fontela, Marly de Oliveira, Elizabeth Veiga, Lélia Coelho Frota, Adélia Prado, Ana Cristina Cesar, Adalgisa Nery.

No capítulo 03, Cinema Novo é o tema. O Cinema Novo toma forma entre os anos 1964 e 1969 e propõe uma ideia de cinema de autor com linguagens e problemáticas originais associadas a uma crítica política densa de relações de poderes arcaicas em um país da periferia do capitalismo. Apesar do forte tom de questionamento da ordem e da defesa da justiça social, não é possível encontrar uma única mulher integrando o movimento. Nos anos de consagração do Cinema Novo, há apenas uma mulher dirigindo longas-metragens no Brasil, Zélia Costa. Apesar do machismo, sempre existiu uma coautoria feminina nas produções, fato negado até hoje: Helena Ignez, Helena Solberg, Vera Figueiredo, Eunice Gutman e Gilda Bojunga são exemplos de cineastas umbilicalmente envolvidas na produção das grandes obras do Cinema Novo. Para além do Cinema Novo, mulheres que produziram cinema nos anos 1960-80 não eram poucas. Heloísa demonstra que, entre 1930 e 1988, havia 195 mulheres fazendo cinema que produziram mais de 400 filmes. Nos anos 1970-80, especialmente, as produções cinematográficas das mulheres refletiam as pautas feministas. Os trabalhos de Ana Maria Magalhães, Dilma Lóes, Eliane Bandeira, Fernanda Freitas, Helena Lustosa, Hilda Machado, Leilany Fernandes, Maria Inês Villares, Maria Luiza Aboim, Mariza Leão, Marlene França, Olga Futemma, Sandra Werneck, Tetê Moraes, Tizuka Yamazaki e Norma Bengell espelham o debate feminista do período, embora poucas delas reivindicassem o título de feminista.

No capítulo “Enfrentando a MPB”, Heloísa argumenta que a presença de mulheres na música brasileira é bem anterior ao MPB, período no qual a literatura começa a apontar a presença de mulheres não apenas como intérpretes, mas como compositoras,

arranjadoras e instrumentistas. Apesar da resistência de muitas mulheres, a música até os anos 1960 era completamente dominada por homens, reservando às mulheres apenas o papel de intérpretes de ideias, desejos e medos masculinos. Circulavam as máximas de que “mulher compositora não vende disco” e que “as próprias mulheres só compram discos de homens”. É com o ativismo feminista que o quadro se altera a partir dos anos 1960, ilustrando a tese da “feminização da cultura” de Margareth Rago, ao localizar mulheres no centro do debate sobre produção musical no Brasil no momento em que a indústria fonográfica se estabelece de maneira irrevogável.

A Bossa Nova marca o início da modernidade na música popular brasileira, mas, do ponto de vista das relações de gênero, a tradição percorre toda produção musical. Na Bossa Nova, o machismo era claro (o subtítulo do capítulo é taxativo: “Bossa Nova, compositora não entra”). Na Bossa Nova, não se encontrava mulheres compositoras, apenas intérpretes como Sylvia Telles, Nara Leão, Leny Andrade, Doris Monteiro, Alaíde Costa, Claudette Soares, Astrud Gilberto e Wanda Sá. Esse cenário foi alterado no período pós golpe militar quando a cultura passou a ser reconhecida como espaço de debate político e estratégico para mobilização política. Elis Regina, nesse período, foi referência pois lançou o manifesto de criação da MPB, o álbum “Samba: eu canto assim” de 1965. Além de Elis, houve outras cantoras que abriram brechas no campo da produção musical: Joyce Moreno, por exemplo, cantora, compositora e arranjadora é a referência de brecha criada por mulheres na MPB. Joyce somava uma variedade de competências – instrumentista, arranjadora e compositora- que interpelavam de forma direta o machismo da MPB: “se a atividade de compositora já era rara e indesejada, as de arranjadora e instrumentista eram inexistentes” (166). A cena do *rock and roll*, considerada subversiva do ponto de vista dos valores e comportamentos, era tão machista quanto a Bossa Nova: Heloísa se dedica à figura de Rita Lee que enfrentou o machismo dos irmãos Dias Batista no grupo “Os Mutantes” que tentavam torná-la um mero enfeite na banda. Outras cantoras e compositoras também abriram espaço para a mulher e o ponto de vista feminino no mercado brasileiro da música: Sueli Costa, Fátima Guedes, Angela Roro, Sandra de Sá, Marina Lima, Joana, Vanusa, Leci Brandão, Luci e Luciana, Tetê e Alzira Espíndola, Ná Ozetti, Marlui, Gal Costa, Clara Nunes, Maria Bethânia, Beth Carvalho, Simone, As Frenéticas, Fafá de Belém, Joanna e Alcione são alguns nomes de destaque.

Feminista, eu? discorre sobre as brechas e resistências de mulheres que encampavam a voz feminina e, por vezes, declaradamente feminista de compreender e

falar sobre o mundo enfrentando o machismo presente no campo da produção cultural especialmente à esquerda do espectro político. A quarta onda feminista inunda o feminismo de orgulho e, em 2022, a identidade feminista é reivindicada e estampada em posts, músicas, shows, camisetas e adesivos em um movimento que Banet-Weiser (2018) chama de “feminismo pop”, uma forma de experiência do feminismo que tem o consumo de massa como forma de circulação e mobilização. No entanto, apesar do *frisson* contemporâneo associado ao feminismo, há fissuras: o alerta de Heloísa, no capítulo conclusivo, focaliza especialmente as mulheres negras moradoras de comunidades pobres que não se reconhecem no feminismo, embora compartilhem valores com feministas. A ampla circulação do vocábulo feminismo pode denotar a longa história da “feminização da cultura”, entretanto é preciso reconhecer que o feminismo tem marcadores de classe social, racial e intelectual e uma experiência subversiva. A “alma do feminismo”, deve levar em conta a necessidade de construir pontes e ampliar diálogos, advoga Heloísa. *Feminista, eu?* é um manifesto feminista que olha para as miudezas do cotidiano para demonstrar como o feminismo pode provocar mudanças importantes em visões de mundo e posições políticas. Cada pedacinho da vida pode ser uma oportunidade de luta pela vida e dignidade de mulheres e meninas.

Referências Bibliográficas

BALIEIRO, Fernando. *Carmen Miranda entre os desejos de duas nações: cultura de massas, performatividade e cumplicidade subversiva em sua trajetória*. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFSCAR, São Carlos-SP, 2014, 325 p.

BANET-WEISER, Sarah. Postfeminism and Popular Feminism. In: *Feminist Media Histories*, v.4, n. 2, p. 152-156, 2018.

CORRÊA, Lays. Entre sons e ruídos: considerações sobre gênero nas tradições rurais e na música caipira. *Revista Aurora*, v.9, n.01, p. 01-22, 2016.

HOLLANDA, Heloísa B. *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde*. São Paulo, Brasiliense, 1981.

_____. *Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade*. São Paulo: Cia das Letras, 2018.

_____. *Pensamento feminista Brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

_____. *Pensamento feminista: Conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

_____. *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

_____. *Pensamento feminista hoje: sexualidades no Sul Global*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

RAGO, Margareth. A “mulher cordial”: feminismo e subjetividade. *In: Revista Verve*, São Paulo, n. 6, p.279-296, 2004.

_____. *A aventura de contar-se: feminismos, escritas de si e invenções da subjetividade*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2013.